

Credores acenam com soluções alternativas para Brasil

Roberto Garcia
Correspondente

Washington — Governos e bancos credores do Brasil começaram a dar sinais de que estão dispostos a discutir alternativas menos ortodoxas para superar a crise da dívida, afirmam altos funcionários brasileiros presentes à reunião conjunta do FMI e do Banco Mundial.

Os sinais de maior flexibilidade estão surgindo em discursos e entrevistas públicas de autoridades financeiras de alguns dos maiores países industrializados. Em depoimento ao Senado americano, o presidente do Banco Central Paul Volcker, disse na segunda-feira que a regularização dos pagamentos da dívida pelo Brasil vai requerer "esforço conjunto" tanto do país devedor quanto dos credores externos. No mesmo dia o ministro das Finanças fez forte apelo para que seus colegas dos países ricos concentrassem esforços para resolver o problema da dívida. Ele sugeriu aumento substancial dos recursos dos bancos internacionais de desenvolvimento como o Banco Mundial, mudança de regulamentos que regem o funcionamento dos bancos para permitir cancelamento de dívidas e redução das taxas de juros.

A necessidade de uma estratégia que canalize maiores recursos para os países em dificuldades em pagar suas dívidas a fim de que possam superar sua crise crescendo foi também ressaltada pelo novo diretor-gerente do FMI Michel Camdessus, em discurso ontem ao grupo dos países em desenvolvimento membros do FMI. E o próprio ministro Dilson Funaro afirmou que espera hoje pronunciamento nesse sentido dos ministros das Finanças da França e da Itália.

Capitalização de Juros

Num encontro com Funaro em Nova Iorque na noite de segunda-feira, os presidentes de bancos como o Citicorp, e Chase Manhattan, o First Bank of Boston e o Chemical Bank discutiram animadamente um menu de fórmulas de alívio que abrangem saídas consideradas inadmissíveis até recentemente, como capitalização de juros, conversão de juros em investimentos no Brasil e mudanças nos regulamentos governamentais que regem o funcionamento de bancos nos diversos países a fim de que outras variantes tornem-se possíveis.

Segundo analistas internacionais, duas coisas levaram os governos e bancos credores do Brasil a admitir uma discussão sobre novas fórmulas para superar o problema da dívida brasileira. "Tenho que admitir que a suspensão do pagamento da dívida e o temor de que outros grandes devedores imitassem o Brasil nos forçou a pesar as concessões possíveis agora para não perdermos mais a longo prazo", afirma um vice-presidente do Citicorp. "Obviamente o grau de apoio interno para a

suspensão dos pagamentos e o fortalecimento de Funaro nas últimas semanas nos convenceu de que não adianta nada esperar a nomeação de um substituto. Parece que teremos que tratar com ele mesmo e o jeito é enfrentar essa tourada tentando limitar nossas perdas", acrescentou o mesmo banqueiro.

Nos encontros que teve, ontem, na capital americana o ministro da Fazenda afirmou que não estava com pressa em conseguir resultados. "Não estamos atrás de um empréstimo-ponte. Nossas metas levarão muito tempo; vão requerer ainda muitas consultas. O que está em jogo não é um empréstimo a mais, mas o futuro do Brasil", disse ele.

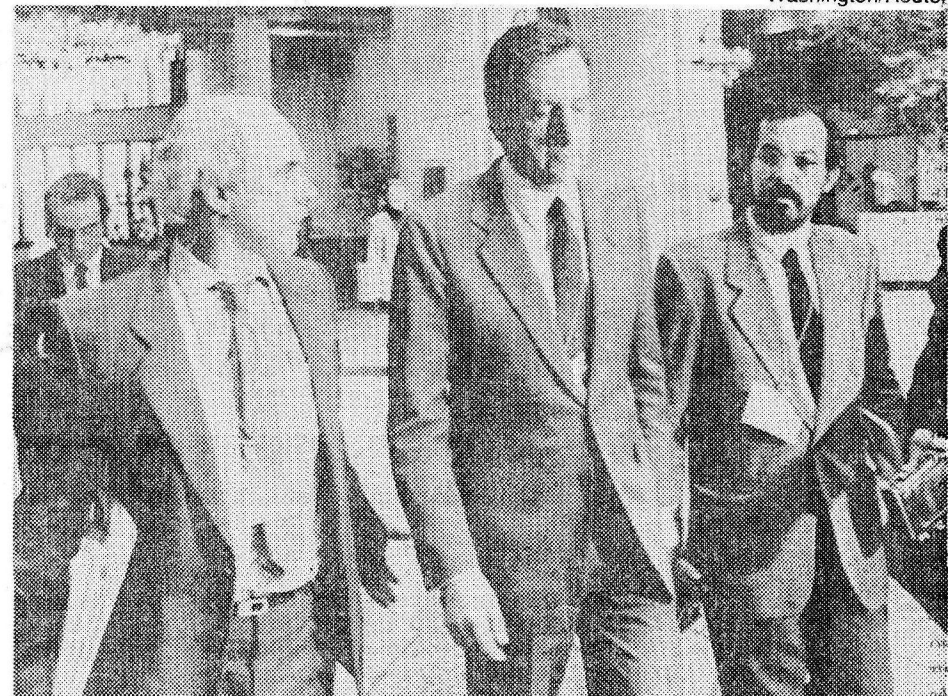
Apesar do surgimento de divisões na frente dos credores que podem ser aproveitadas pelo governo Sarney em sua busca de melhores termos, eles continuam insistindo na necessidade de um plano econômico coerente e eficaz para o Brasil equilibrar suas contas. Nos últimos dias uma sucessão de autoridades americanas como o secretário do Tesouro, James Baker, o subsecretário do Tesouro, David Mulford, o presidente do Banco Central, Paul Volcker, e até o presidente do Banco Mundial, Barber Conable, instaram publicamente o governo brasileiro a adotar um programa econômico que assegure não só contenção da inflação mas também promoção agressiva das exportações. "O plano existe e está sendo executado com seriedade", replicava o ministro da Fazenda cada vez que o tema era suscitado. Seus assessores explicavam que os credores exigem um plano não porque ele não exista, mas simplesmente porque não gostam de alguns de seus elementos.

Para responder a essas pressões, Funaro afirmava que "podemos discutir o esquema do financiamento externo para o Brasil mas a política econômica interna não vai ser negociada". O ministro da Fazenda também insistia que é preciso deixar claro de uma vez por todas que a política adotada pelo povo brasileiro não pode ser discutida com credores. Isso não tem sentido. Precisamos resgatar a dignidade do país".

Afirmando que estão dispostos a fazer concessões, tanto funcionários do governo americano quanto banqueiros ressaltam que o Brasil precisa fazer sua parte para preservar o relacionamento comercial e financeiro com o mundo industrializado. "Funaro repete frequentemente que todos estão no mesmo barco e que nós não podemos chegar à praia se os credores remarem numa direção e os devedores noutra. Mas ele precisa entender que isso também se aplica a ele", disse um funcionário do Chase Manhattan.

Ao ouvir essas reações dos banqueiros às frases de Funaro, o assessor do ministro para assuntos da dívida, Paulo Nogueira Batista Junior, comentou: "estamos só no início do processo. Uma solução ainda vai levar bastante tempo".

Washington/Reuter



Funaro, cercado de jornalistas brasileiros, deixa a reunião do FMI